



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS BISPOS FRANCESES DA REGIÃO APOSTÓLICA
CENTRO-LESTE EM VISITA «AD LIMINA APOSTOLORUM»**

12 de Abril de 1997

Estimados Irmãos no Episcopado

1. No momento em que se encerra a série das visitas *ad Limina* dos Bispos da França, estou feliz por vos dar as boas-vindas, a vós que sois os pastores da Igreja na região Centro-Leste. Junto do túmulo dos Apóstolos Pedro e Paulo, viestes reencontrar a nascente do dinamismo evangélico, que estimulou inumeráveis figuras ilustres das vossas Igrejas particulares, desde Ireneu, Francisco de Sales, Margarida Maria, João Maria Vianney, Paulina Jaricot, António Chevrier até aos iniciadores do catolicismo social. Ainda hoje este dinamismo não cessa de fazer viver os discípulos de Cristo pelos quais sois responsáveis, e cujo testemunho encorajais e orientais no seio da sociedade.

Queria evocar aqui a memória do Cardeal Albert Decourtray, que foi um zeloso pastor da Arquidiocese de Lião e um generoso servidor da Igreja que está na França. Agradeço a D. Claude Feidt, Arcebispo de Chambéry, vosso presidente, a sua lúcida apresentação da vida das vossas dioceses. Pude apreciar o sentido apostólico dos sacerdotes e constatar o importante lugar que reservais, desde há muito tempo, aos leigos na missão da Igreja. O reconhecimento da sua vocação particular e a sua colaboração confiante com os sacerdotes permitem dar um maior impulso à vida eclesial. É também do meu conhecimento o facto de na vossa região o ecumenismo, do qual o Rev.do Pe. Couturier foi um dos grandes inspiradores, constituir uma orientação pastoral constante. Oxalá no meio das satisfações e das dificuldades quotidianas, as vossas comunidades permaneçam para todos um sinal de esperança para o porvir!

2. Quando da minha recente visita à França, a peregrinação, que realizei junto do túmulo de São Martinho em Tours, propiciou-me a ocasião de me encontrar com uma significativa assembleia de «deserdados». Dessa celebração, quisestes fazer o símbolo do compromisso resolutivo da Igreja ao lado daqueles que sofrem, dos necessitados da sociedade e das pessoas que são abandonadas pelos caminhos da vida. É este aspecto essencial da Igreja que hoje desejaria abordar convosco.

Os relatórios quinquenais das dioceses do vosso país lançam luz sobre os graves problemas humanos com que se confronta a sociedade. Desta forma, a crise económica leva uma parte da população a conhecer situações de pobreza e precariedade, que atingem cada vez mais arduamente as jovens gerações. A desordem perante as difíceis condições de vida, as desigualdades sociais, o desemprego, cujas causas são por vezes interpretadas de maneira simplista, debilitam as relações entre os diferentes grupos humanos, no interior da comunidade nacional. Assim, as incertezas da existência podem ter como consequência um fechamento sobre si, que impede de prestar atenção aos apelos, tanto dos mais necessitados do próprio ambiente como das pessoas menos favorecidas.

Neste período de profundas transformações, é bom que se desenvolva na vossa região uma conscientização da interdependência entre os homens e entre as nações, e da necessidade de se pôr em prática uma verdadeira solidariedade, compreendida como «a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos» (*Sollicitudo rei socialis*, 38). Os valores da liberdade, igualdade e fraternidade, sobre os quais o povo francês quis fundar a sua vida colectiva, exprimem de certa forma as condições da solidariedade, sem a qual ao homem não é possível viver plenamente no meio dos seus irmãos. A grandeza de uma sociedade julga-se em conformidade com o lugar que esta reserva à pessoa humana e, antes de tudo, à do mais fraco, que não pode ser considerado unicamente em função daquilo que possui ou da sua contribuição mediante a própria actividade.

3. A vossa Conferência Episcopal abordou muitas vezes as questões sociais, sobretudo quando das suas Assembleias plenárias ou por intermédio da sua Comissão social. Ainda recentemente, exortastes a que não se considere como uma fatalidade o «fosso social» que aumenta no vosso país. Inúmeras são também as pessoas que, no meio de vós, intervêm em vista de recordar a tradição evangélica da defesa dos mais frágeis. Com efeito, é importante que a palavra da Igreja se manifeste de forma vigorosa na opinião pública, para promover a dignidade do homem onde quer que esta seja ameaçada, e para propor os princípios evangélicos que dão sentido e valor a toda a vida humana. Enviada ao âmago do mundo para ali anunciar o Evangelho da vida, a Igreja demonstra solicitude pelo bem-estar da sociedade inteira, no respeito das convicções de cada pessoa e de cada grupo.

O *Conselho nacional da solidariedade*, que criastes há alguns anos, constitui um importante lugar

de concertação e de reflexão para um empenhamento e uma coordenação mais eficazes dos organismos de entreajuda. Encorajo-vos vivamente a suscitar, a nível das dioceses, as iniciativas adaptadas para as novas necessidades que se apresentam nas cidades e nas suas periferias, bem como nos campos por vezes esquecidos. As novas formas de pobreza exigem novas respostas. Os cristãos são ainda mais chamados à conversão do coração para desenvolver, pessoal e colectivamente, novas formas de vida, que suscitem de maneira profética os seus conterrâneos a modificar os próprios comportamentos, de maneira a superar as crises e fazer com que cada um possa dispor da parte que lhe cabe da riqueza nacional. Dando prova de liberdade em relação aos seus próprios bens e moderando os seus desejos, hão-de tornar possível uma partilha efectiva com aqueles que vivem na privação. Todos sejam inventivos na busca de novas veredas! Assim, edificarse-á um mundo renovado, onde a vida é mais forte que a morte e o amor domina os poderes do egoísmo.

Hoje, a caridade deve adquirir novas expressões. Não se pode reduzir a uma simples assistência passageira. Exige que se tenha «a coragem para enfrentar o risco e a mudança implícita em toda a tentativa [autêntica] de ir em socorro do próximo» (*Centesimus annus*, 58). As pessoas atingidas pela exclusão ou qualquer outra forma de pobreza, devem poder levar uma vida familiar digna e prover pessoalmente às próprias necessidades, desenvolvendo de maneira plena as suas potencialidades. Assim, não permanecerão à margem das redes sociais; graças aos seus irmãos em humanidade, ser-lhes-ão oferecidos uma esperança e um porvir. Recorde-se que a atenção aos mais pobres não se pode limitar aos aspectos materiais da vida. Deve ter também em consideração o desenvolvimento espiritual de cada um e favorecer o acesso à formação e à cultura. A libertação que Cristo traz transforma a pessoa em todo o seu ser.

4. São mais do que nunca urgentes o despertar e a educação de todos os membros da comunidade cristã às suas responsabilidades em relação aos «deserdados». «Quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a Quem não vê» (1 Jo. 4, 20). Os discípulos de Cristo são exortados a seguir o seu Mestre pelos caminhos que Ele mesmo traçou, dando a própria vida pela humanidade despojada e desvirtuada. Por conseguinte, situando-se na mesma lógica do amor vivido em conformidade com Cristo, a Igreja deve ser completamente solidária para com os mais humildes. Não se trata de uma tarefa facultativa, mas de um dever imprescindível de fidelidade ao Evangelho, do seu acolhimento e do seu anúncio. Tal fidelidade passa através do cuidado dos membros mais frágeis do Corpo de Cristo, bem como de cada pessoa humana. Que os baptizados se coloquem à escuta dos mais pobres e das suas aspirações, para serem no meio deles verdadeiras testemunhas da salvação que Cristo concede a cada homem! Oxalá adquiram um verdadeiro sentido da partilha, expressão do seu amor pelo próximo! A caridade «é o amor dos pobres, a ternura e a compaixão para com o nosso próximo. Nada honra a Deus mais do que a misericórdia!» (Gregório de Nazianzo, *Do amor pelos pobres*, n. 27).

Através dos «deserdados» é o rosto do Senhor mesmo que se manifesta. Ele faz-nos dar

incessantemente testemunho de que «cada ser mortificado no corpo ou no espírito, cada pessoa privada dos próprios direitos fundamentais é uma imagem viva de Cristo» (*Encontro com os «deserdados»*, em Tours, 21 de Setembro de 1996, ed. port. de *L'Osservatore Romano* de 28.IX.96, n. 2, pág. 7). Portanto, o encontro do Senhor leva-nos naturalmente a colocarmo-nos ao serviço dos mais pequeninos dos nossos irmãos. A atitude de respeito, de partilha e de compaixão para com os desfavorecidos é um reflexo da nossa fidelidade a Cristo. Cada cristão que, com a sua debilidade, estende a mão ao próprio irmão, ajuda-o a erguer-se e a retomar o caminho, agindo deste modo à maneira do próprio Senhor. «A caridade, na sua dupla face de amor a Deus e aos irmãos, é a síntese da vida moral do crente. Tem em Deus a sua nascente e a sua meta (*Tertio millennio adveniente*, 50).

Por ocasião da vossa última Assembleia plenária em Lourdes, recordastes que, «mediante a diaconia da caridade, os diáconos são testemunhas e ministros da caridade de Cristo. Têm a responsabilidade ministerial de velar por que se viva concretamente a caridade» (*Le diaconat: un don de Dieu à mettre en oeuvre*, 1996). Portanto, encorajo-os a dar, no seu ministério diaconal, um lugar importante a esta missão e a sensibilizar as comunidades cristãs ao serviço da caridade. A vossa região possui uma longa tradição de catolicismo social, que deve impelir os fiéis a adquirir um conhecimento sério da doutrina social da Igreja, considerando-a como um incitamento à prática da sua fé. Uma ajuda preciosa oferecem-na também os *Institutos católicos de Estudos superiores*, especializados nas problemáticas sociais, nomeadamente, na investigação das causas das novas situações de pobreza e na análise das estruturas de injustiça que ferem o homem, a fim de propor soluções concretas. A força do testemunho

5. Nos vossos relatórios quinquenais, recordastes as múltiplas formas de presença cristã nos lugares de pobreza e de sofrimento nas vossas dioceses. Assim, numerosos são os cristãos que, com um admirável devotamento, oferecem assistência aos enfermos, aos portadores de deficiência, às pessoas idosas, aos doentes terminais ou às vítimas de novas enfermidades. Em várias das vossas dioceses, tem-se feito um notável esforço no sentido de criar estruturas de acolhimento para os enfermos e as suas famílias. Os cristãos que os amam, através da sua profunda compreensão pelas pessoas e mediante a parte que assumem no sofrimento de cada um, constituem a face de amor e de misericórdia de Cristo e da Sua Igreja em relação àqueles que são provados.

Muitos fiéis estão empenhados, com grande generosidade, no serviço dos seus irmãos mais pobres em diversos movimentos caritativos, como o «*Secours Catholique*», que recentemente comemorou o quinquagésimo aniversário de fundação, ou ainda, na vossa região, a «Associação dos Desabrigados». Hoje quereria encorajar de modo particular os jovens que, nos movimentos de apostolado ou de educação, como a «*Jeunesse Ouvrière Chrétienne*» ou o Escutismo, partilham a condição frequentemente difícil dos seus companheiros e trabalham com eles para edificar uma sociedade mais justa, em que cada um encontre o seu lugar e possa viver de maneira digna. Oxalá eles se recordem de que o combate pela justiça é um elemento essencial

da missão da Igreja! Saúdo cordialmente os membros da Sociedade de São Vicente de Paulo, cujo fundador, *Frederico Ozanam*, dentro em breve será beatificado. Assim, é um deles que será proposto aos jovens da França como modelo de fraternidade universal junto dos mais pobres, aquele que declarou: «Gostaria de encerrar o mundo inteiro numa rede de caridade». Encorajo também todos os católicos que, de qualquer modo, nas paróquias, nas novas comunidades, ou na vida associativa do seu bairro ou da sua aldeia, em colaboração com os seus concidadãos de outras correntes de pensamento, animam serviços de entreaajuda ou de solidariedade.

É também necessário que os responsáveis políticos, económicos e sociais cumpram o próprio dever com integridade, com o cuidado de dar prioridade ao bem das pessoas e tendo em consideração os impactos humanos das suas opções. Deve animá-los uma clarividente consciência da dignidade do trabalho, concebido em vista do desenvolvimento do homem e do cumprimento da sua vocação. «O trabalho dos homens [...] é muito superior aos restantes elementos da vida económica, visto que estes exercem o papel de meros instrumentos» (*Gaudium et spes*, 67).

6. Nem sempre é fácil, num contexto de crise social, reagir a um determinado debilitamento da consciência moral diante do encontro de pessoas de origens ou de culturas diferentes. As fracturas culturais muitas vezes são profundas. Suscitam desconfianças e temores. Às vezes o imigrado é designado à opinião pública como responsável pelos problemas económicos.

O Concílio Vaticano II põe em evidência que «Deus, que cuida paternalmente de todos, quis que todos os homens constituíssem uma só família e mutuamente se tratassem como irmãos. Todos, com efeito, foram criados à imagem de Deus [...] e todos são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus» (*Gaudium et spes*, 24). Deste projecto divino nenhum homem pode ser excluído. Portanto, cada um deve prestar atenção àquele que é estrangeiro na sociedade. Recordastes muitas vezes o premente dever do acolhimento fraterno e do reconhecimento mútuo, salientando que «aos olhos de Deus, todos os homens são da mesma raça e da mesma linhagem» (*Carta dos Bispos aos católicos da França*). A Revelação apresenta-nos o próprio Cristo como o estrangeiro que bate à nossa porta (cf. *Mt.* 25, 38; *Apoc.* 3, 20), o que impele legitimamente a comunidade cristã a participar no acolhimento e no apoio dos irmãos imigrados, no respeito do que são e da sua cultura, sobretudo quando vivem na desgraça.

A missão da Igreja consiste em recordar que na nossa sociedade, o estrangeiro, como qualquer outro cidadão, possui direitos inalienáveis, como os de viver em família e na segurança, que em nenhum caso lhe podem ser tirados. A elaboração das leis, que determinam os deveres necessários para a vida em comum, deve realizar-se preservando os direitos da pessoa, e num espírito que permite aos cidadãos aprender a viver no pluralismo, para o benefício de todos. Entretanto, os problemas reais apresentados pela imigração não poderão encontrar uma solução duradoura, sem o estabelecimento de novas solidariedades com os países de origem dos imigrados.

Nas paróquias, a fraternidade dos fiéis de origens diferentes manifesta a comunhão em Cristo, segundo a dimensão universal da Igreja, quando a palavra de cada um pode expressar-se e é escutada. De maneira semelhante, o encontro entre os cristãos e os crentes de outras tradições religiosas deve permitir um melhor conhecimento recíproco, a fim de todos juntos participarem na edificação de uma família humana mais unida. Colaborar para o progresso de outros povos

7. Na opinião pública, às vezes parecem manifestar-se um aborrecimento e um decréscimo de interesse em relação aos problemas a mais longo prazo do desenvolvimento das nações mais pobres. Porém, a paz do mundo está assente sobre a solidariedade. Por outro lado, constata-se que a acção imediata mobiliza cada vez mais frequentemente os fiéis; assim, é necessária uma conscientização mais lúcida das graves problemáticas do desenvolvimento. O apelo à urgência de colaborar para o progresso dos povos, «de todo o homem e do homem todo», faz também parte da missão da Igreja. Existe uma longa tradição na França, no campo do exercício concreto da solidariedade das vossas Igrejas particulares com o Terceiro Mundo e, de maneira especial, com a África. Convido-vos a dar cada vez maior vigor à cooperação entre as Igrejas locais, colocando-vos sempre mais à escuta das necessidades dessas Igrejas e procurando instaurar uma verdadeira fraternidade.

Gostaria de mencionar aqui as numerosas iniciativas tomadas pelas Congregações religiosas, por Instituições eclesiais, como a Delegação católica para a Cooperação, e por muitas outras Organizações de inspiração cristã. Estas transmitem o apego efectivo das vossas comunidades aos países do Terceiro Mundo, especialmente mediante o envio «*in loco*» de religiosos e leigos, para a distribuição dos recursos ou ainda através do acolhimento e da formação, na França, de sacerdotes provenientes desses países.

A fim de ajudar os vossos fiéis e todos os homens de boa vontade a retomar consciência dos graves problemas ligados às estruturas da economia mundial, que põem em questão a vida de inumeráveis homens e mulheres, convido-vos a fazer conhecer o recente documento publicado pelo Pontifício Conselho «Cor Unum» – A fome no mundo. Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário. Com efeito, como já disse, «é necessário que no cenário económico internacional se imponha uma ética da solidariedade, se quisermos que a participação, o crescimento económico e uma equitativa distribuição dos bens possam caracterizar o futuro da humanidade » (*Discurso à quinquagésima Assembleia geral da Organização das Nações Unidas*, 5 de Outubro de 1995, ed. port. de *L'Osservatore Romano* de 14.X.95, n. 13, pág. 5).

8. Prezados Irmãos no Episcopado, para concluir os encontros que tive por ocasião das visitas ad Limina dos Bispos da França, e a seguir à minha recente viagem no vosso país, quereria transmitir-vos novamente a minha alegria por ter compartilhado as preocupações e as esperanças do vosso ministério episcopal, bem como por ter constatado a vitalidade da Igreja que está na França. Formulo votos para que, por ocasião desta visita ao Sucessor de Pedro, a vossa oração junto do túmulo dos Apóstolos e os vossos encontros com os Dicastérios da Cúria Romana sejam

para vós manancial de dinamismo e de confiança no porvir, em comunhão com a Igreja universal. Dentro de alguns meses voltaremos a encontrar-nos, em Paris, para a Jornada Mundial da Juventude. Para os católicos da França e, mais particularmente para os jovens, será a ocasião de acolher irmãos e irmãs do mundo inteiro e partilhar com eles as próprias convicções evangélicas e compromissos de edificar a civilização do amor. Dado que empreendemos a preparação do Grande Jubileu do Ano 2000, através de vós, exorto portanto com vigor todos os católicos da França a irem ao encontro e ao serviço dos seus irmãos. Cristo espera-os!

A cada um de vós e a todos os vossos diocesanos, concedo do íntimo do coração a Bênção Apostólica.